

Por que uns nascem doentes, cegos, aleijados...?

Chegou até o nosso conhecimento um artigo intitulado “Por que uns nascem doentes, cegos, aleijados...?”, material que consta no site do CACP, especificamente na seção “Seitas Espiritismo” correspondente ao link (<http://www.cacp.org.br/por-que-uns-nascem-doentes-cegos-aleijados/>). Os argumentos do CACP estarão sombreados e nossas reflexões virão sem destaque. Com isso, vamos ao texto:

POR QUE UNS NASCEM...

Cegos, aleijados, retardados, pobres e outros não?

Quem nunca parou para pensar nestas questões? Talvez você mesmo já tenha pensado por que uns nascem aleijados e outros com saúde, uns nascem inteligentes e outros com problemas mentais, uns pobres e outros ricos? Por que tantas desigualdades? Não é isto uma tremenda injustiça? Estas perguntas tem feito parte do pensamento do homem a muito tempo sem contudo achar uma explicação satisfatória às mesmas. Enquanto a humanidade sofre diariamente seus efeitos dolorosos, parece que os espíritas acharam uma explicação satisfatória para todas elas.

Depois desta bela introdução, ficamos imensamente curiosos para lermos o que se seguia, pois como eternos estudantes que somos, novas informações e descobertas são sempre bem-vindas. Todavia, o que se seguiu, como teremos a tristeza de ver, é uma lamentável, porém justificável, inobservância do autor com relação à codificação espírita, no que tange ao seu estudo atento, consciencioso – como diria Kardec - sem preconceitos, sem armas. Agora, sem mais delongas, vamos então ao que nos interessa.

A SOLUÇÃO DO ESPIRITISMO

Para o espiritismo todas as mazelas e vicissitudes da vida encontram a explicação em uma só palavra – reencarnação. As perguntas acima já levaram muitas pessoas a ingressarem no Kardecismo por julgar a resposta espírita a mais satisfatória de todas. De fato, para os espíritas, tudo funciona segundo uma lei, a lei de causa e efeito.

De fato, e isto, caro opositor, não constitui nenhum vício porquanto o próprio Mestre um dia nos alertou: “Porque o Filho do homem virá na glória de seu Pai, com os seus anjos; e, então, **dará a cada um segundo as suas obras**” (Mateus 16:27). Ora, a Lei de Causa e Efeito, é uma demonstração incontestada das palavras de Jesus. Quem somos nós para negá-las ou contradizê-las? A Lei de Causa e Efeito, salientamos também, está amparada no universo multicrítico da nossa ciência e na observação, sendo então o alicerce do que conhecemos por esta mesma ciência, sem o qual nada seria. Logo, não apenas segundo os espíritas a Lei de Causa e Efeito em âmbitos naturais – na alçada da ciência – e morais – na alçada de seus efeitos morais – é o que governa o Universo, quando entendemos Deus como a “Causa Primária”. Reconhecemos, porém, que mesmo entendendo o sentido o qual o amigo tenha colocado a questão da Lei de Causa e Efeito, sentimos a necessidade de ampliá-la e ilustrá-la também nos outros sentidos que ela abarca. Portanto, os eventuais prejuízos de entendimento seus e dos caros leitores estão justificados.

A doutrina espírita frisa que **todo pecado cometido é uma dívida contraída que deve ser paga numa ou em várias reencarnações**. Assim sendo, as pessoas que passam por

estes problemas **não devem fazer nada além de esperar por mais reencarnações até que por fim será purgada de suas faltas que foram contraídas em vidas passadas.** Destarte, o consolo do espiritismo consiste apenas em adiar os problemas do ser humano.

Bem, percebemos que há uma grande confusão quanto à finalidade da reencarnação neste passo. Sabemos pelas obras da codificação, mais especificamente, por exemplo, na questão 167 de *O Livro dos Espíritos*, que o objetivo da reencarnação neste orbe, além da expiação, é também o aprimoramento progressivo da humanidade. Assim, lógica e racionalmente falando, este ensino está amparado na razão e não fere, de modo algum, a justiça divina. Nós, particularmente, não encontramos base nas obras espíritas da codificação de Kardec para o que o caro opositor quis dizer com “as pessoas que passam por estes problemas não devem fazer nada além de esperar por mais reencarnações até que por fim será purgada de suas faltas que foram contraídas em vidas passadas.” Até queremos – fruto de nossa preciosa curiosidade – que o estimado crítico nos mostre o passo na codificação que vem nos instruir a ficarmos de braços cruzados esperando as nossas faltas serem purgadas como num passe de mágica nas sucessivas existências. Devemos salientar, no entanto, que a Lei de Trabalho, sendo esta uma lei natural ou divina, foi muito bem esclarecida numa das obras da mesma codificação. Aliás, será que o estimado opositor não estaria invertendo os papéis? Ora, reencarnação é sinônimo de trabalho profunda e filosoficamente falando, e o que seria do homem sem trabalho? Não estaria o caro opositor falando da doutrina da Graça quando diz que “as pessoas que passam por estes problemas não devem fazer nada além de esperar...”? Neste caso, esperar que no fim das contas “o sangue do cordeiro de Deus” os redima de todos os pecados, mediante a um ritual de arrependimento que não transpõe os limites da igreja, pois pela Graça seremos (os eleitos?!) salvos e etc. Longe de nós, estimado crítico, querer julgar a vossa crença, pois crê-la é um direito inalienável seu. Todavia, as suas afirmações não condizem com o que conhecemos sobre reencarnação e nem com o que Kardec e os espíritos superiores nos trouxeram. Ressalto mais uma vez que seria importante para nós, ao invés de escrever para os seus leitores informações soltas, frutos da vossa própria ignorância no assunto e sem embasamento teórico algum, nos mostrar os passos na codificação que confirmem as suas assertivas.

Malgrado as afirmações precipitadas do articulista, vejamos o que os espíritos bons e amigos em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” nos instruem:

Bem e mal sofrer

18. Quando o Cristo disse: "Bem-aventurados os aflitos, o reino dos céus lhes pertence", não se referia de modo geral aos que sofrem, visto que sofrem todos os que se encontram na Terra, quer ocupem tronos, quer jazam sobre a palha. Mas, ah! poucos sofrem bem; poucos compreendem que somente as provas bem suportadas podem conduzi-los ao reino de Deus. O desânimo é uma falta. Deus vos recusa consolações, desde que vos falte coragem. A prece é um apoio para a alma; contudo, não basta: é preciso tenha por base uma fé viva na bondade de Deus. Ele já muitas vezes vos disse que não coloca fardos pesados em ombros fracos. O fardo é proporcionado às forças, como a recompensa o será à resignação e à coragem. Mais opulenta será a recompensa, do que penosa a aflição. Cumpre, porém, merecê-la, e é para isso que a vida se apresenta cheia de tribulações.

O militar que não é mandado para as linhas de fogo fica descontente, porque o repouso no campo nenhuma ascensão de posto lhe faculta. Sede, pois, como o militar e não desejeis um repouso em que o vosso corpo se enervaria e se entorpeceria a vossa alma. Alegrai-vos, quando Deus vos enviar para a luta. Não consiste esta no fogo da batalha, mas nos amargores da vida, onde, às vezes, de mais coragem se há mister do que num combate sangrento, porquanto não é raro que aquele que se mantém firme em presença do inimigo fraqueje nas

tenazes de uma pena moral. Nenhuma recompensa obtém o homem por essa espécie de coragem; mas, Deus lhe reserva palmas de vitória e uma situação gloriosa. **Quando vos advenha uma causa de sofrimento ou de contrariedade, sobreponde-vos a ela, e, quando houverdes conseguido dominar os ímpetus da impaciência, da cólera, ou do desespero, dizei, de vós para convosco, cheio de justa satisfação: "Fui o mais forte."**

Bem-aventurados os aflitos pode então traduzir-se assim: Bem-aventurados os que têm ocasião de provar sua fé, sua firmeza, sua perseverança e sua submissão à vontade de Deus, porque terão centuplicada a alegria que lhes falta na Terra, porque depois do labor virá o repouso. - *Lacordaire*. (Havre, 1863.) (KARDEC, 1996, p. 110-111, grifo nosso)

Confirmamos, então, que o conformismo não pode está ligado ao Espiritismo enquanto doutrina propagadora da superação e da coragem nas horas mais difíceis. Seria até uma incoerência em relação àquela Lei de Trabalho evidenciada por mim em linhas anteriores e tão bem, repito, pelos espíritos e por Kardec em “*O Livro dos Espíritos*”.

Destarte, o consolo que o Espiritismo por sua vez nos trás e trouxe vem quando define os laços que unem a alma ao corpo e levanta o véu que ocultava aos homens os mistérios do nascimento e da morte. Pelo Espiritismo, o homem sabe donde vem, para onde vai, por que está na Terra, por que sofre temporariamente e vê por toda parte a justiça de Deus. Sabe que a alma progride incessantemente, através de uma série de existências sucessivas, até atingir o grau de perfeição que a aproxima de Deus. Sabe que todas as almas, tendo um mesmo ponto de origem, são criadas iguais, com idêntica aptidão para progredir, em virtude do seu livre-arbítrio; que todas são da mesma essência e que não há entre elas diferença, senão quanto ao progresso realizado; que todas têm o mesmo destino e alcançarão a mesma meta, mais ou menos rapidamente, pelo trabalho e boa vontade. Sabe que não há criaturas deserddadas, nem mais favorecidas umas do que outras; que Deus a nenhuma criou privilegiada e dispensada do trabalho imposto às outras para progredirem; que não há seres perpetuamente votados ao mal e ao sofrimento; que os que se designam pelo nome de demônios são Espíritos ainda atrasados e imperfeitos, que praticam o mal no espaço, como o praticavam na Terra, mas que se adiantarão e aperfeiçoarão; que os anjos ou Espíritos puros não são seres à parte na criação, mas Espíritos que chegaram à meta, depois de terem percorrido a estrada do progresso; que, por essa forma, não há criações múltiplas, nem diferentes categorias entre os seres inteligentes, mas que toda a criação deriva da grande lei de unidade que rege o Universo e que todos os seres gravitam para um fim comum que é a perfeição, sem que uns sejam favorecidos à custa de outros, visto serem todos filhos das suas próprias obras. (KARDEC, 2006, p. 37-38).

Assim sendo, a ideia de consolação que o Espiritismo advoga, vai muito além de “apenas adiar o sofrimento dos seres humanos.” Apreciamos nitidamente nas palavras de Kardec que o Espiritismo ensina aos seus adeptos e simpatizantes lidarem com as adversidades com resignação, esperança no futuro e coragem, o que, difere em “gênero, número e grau”, do que o articulista sugeriu no passo citado. Este pensamento, caro opositor, é uma decorrência natural do que Kardec nos disse na citação acima, tendo, assim, a vossa interpretação do que o Espiritismo diz sobre a problemática em evidência, o mero peso de uma opinião pessoal equivocada e isto apenas.

Prosseguindo na leitura do artigo, nos deparamos com uma fala, no mínimo, confusa. Vejamos: “*Além de que a ajuda que outros fossem prestar para sanar a dor do sofrimento alheio estaria indo contra essa suposta justiça de Deus.*”

Nos perguntamos, caro opositor, qual seria a sua real intenção tendo escrito este comentário. Em respeito a sua pessoa, ao site onde é articulista, o qual consideramos sério, malgrado os equívocos, fruto mais do desinteresse pelos estudos do que pela má-fé, acreditamos, é que o responderemos.

O Espiritismo tem como máxima “fora da caridade não há salvação”. Esta frase, prezado contraditor, refutaria esta “tese” absurda de que a doutrina ensina não podermos ajudar uns aos outros, em todos os momentos, sob todas as condições e adversidades da vida, quando estaríamos por conseguinte fazendo a vontade do Pai. Contudo, traremos aqui para apreciação dos leitores e do prezado contraditor o que Kardec nos fala sobre caridade, ao comentar a questão 886 da obra “*O Livro dos Espíritos*”:

O amor e a caridade são o complemento da lei de justiça, porque amar ao próximo é fazer-lhe todo o bem possível, que desejaríamos que nos fosse feito. Tal é o sentido das palavras de Jesus: “Amai-vos uns aos outros, como irmãos”.

A caridade, segundo Jesus, não se restringe à esmola, mas abrange todas as relações com os nossos semelhantes, quer se trate de nossos inferiores, iguais ou superiores. Ela nos manda ser indulgentes, porque temos necessidade de indulgência, e nos proíbe humilhar o infortúnio, ao contrário do que comumente se pratica. Se um rico nos procura, atendemo-lo com excesso de consideração e atenção, mas se é um pobre, parece que não nos devemos incomodar com ele. Quanto mais, entretanto, sua posição é lastimável, mais devemos temer aumentar-lhe a desgraça pela humilhação. O homem verdadeiramente bom procura elevar o inferior aos seus próprios olhos, diminuindo a distância entre ambos. (KARDEC, 2006, p. 497)

Oportunamente queremos trazer algumas instruções dos espíritos superiores, presentes em “*O Evangelho Segundo o Espiritismo*” a fim de que reforcemos o que temos dito e não restringirmos a nossa base de opinião aos comentários de Kardec. Leiamos abaixo:

Dever-se-á pôr termo às provas do próximo?

27. Deve alguém por termo às provas do seu próximo quando o possa, ou deve, para respeitar os desígnios de Deus, deixar que sigam seu curso?

Já vos temos dito e repetido muitíssimas vezes que estais nessa Terra de expiação para concluirdes as vossas provas e que tudo que vos sucede é consequência das vossas existências anteriores, são os juros da dívida que tendes de pagar. Esse pensamento, porém, provoca em certas pessoas reflexões que devem ser combatidas, devido aos funestos efeitos que poderiam determinar.

Pensam alguns que, estando-se na Terra para expiar, cumpre que as provas sigam seu curso. Outros há, mesmo, que vão até ao ponto de julgar que, não só nada devem fazer para as atenuar, mas que, ao contrário, devem contribuir para que elas sejam mais proveitosas, tornando-as mais vivas. Grande erro. É certo que as vossas provas têm de seguir o curso que lhes traçou Deus; dar-se-á, porém, conheçais esse curso? Sabeis até onde têm elas de ir e se o vosso Pai misericordioso não terá dito ao sofrimento de tal ou tal dos vossos irmãos: “Não irás mais longe?” Sabeis se a Providência não vos escolheu, não como instrumento de suplício para agravar os sofrimentos do culpado, mas como o bálsamo da consolação para fazer cicatrizar as chagas que a sua justiça abriu? Não digais, pois, quando virdes atingido

um dos vossos irmãos: "E a justiça de Deus, importa que siga o seu curso. Dizei antes: "Vejam os meios o Pai misericordioso me pôs ao alcance para suavizar o sofrimento do meu irmão. Vejam se as minhas consolações morais, o meu amparo material ou meus conselhos poderão ajudá-lo a vencer essa prova com mais energia, paciência e resignação. Vejam mesmo se Deus não me pôs nas mãos os meios de fazer que cesse esse sofrimento; se não me deu a mim, também como prova, como expiação talvez, deter o mal e substituí-lo pela paz."

Ajudai-vos, pois, sempre, mutuamente, nas vossas respectivas provações e nunca vos considereis instrumentos de tortura. Contra essa ideia deve revoltar-se todo homem de coração, principalmente todo espírita, porquanto este, melhor do que qualquer outro, deve compreender a extensão infinita da bondade de Deus. Deve o espírita estar compenetrado de que a sua vida toda tem de ser um ato de amor e de devotamento; que, faça ele o que fizer para se opor às decisões do Senhor, estas se cumprirão. Pode, portanto, sem receio, empregar todos os esforços por atenuar o amargor da expiação, certo, porém, de que só a Deus cabe detê-la ou prolongá-la, conforme julgar conveniente.

Não haveria imenso orgulho, da parte do homem, em se considerar no direito de, por assim dizer, revirar a arma dentro da ferida? De aumentar a dose do veneno nas vísceras daquele que está sofrendo, sob o pretexto de que tal é a sua expiação? Oh! considerai-vos sempre como instrumento para fá-la cessar. Resumindo: todos estais na Terra para expiar; mas, todos, sem exceção, deveis esforçar-vos por abrandar a expiação dos vossos semelhantes, de acordo com a lei de amor e caridade. - *Bernardino*, Espírito protetor. (Bordéus, 1863.) (KARDEC, 1996, p. 122-124, grifo nosso)

Desse modo, a luz recai sobre nós e vós com essas palavras esclarecedoras e a ideia de que o Espiritismo propaga em sua doutrina o fato de não podermos ajudar os irmãos em suas dores e adversidades, como constatamos, é absurda. Em tempo: não a destile mais em suas falas ou em seus futuros artigos caro opositor. Uma vez esclarecido este ponto, não poderá mais cometer os mesmos erros, pois estaria, dessa maneira, agindo de má-fé, o que, como sabemos ou deveríamos saber, não condiz com os preceitos cristãos tão defendidos e apregoados, inclusive, pelo site o qual escreves.

RESPOSTAS SENSATAS

Não é preciso recorrer á reencarnação para encontrarmos respostas para as questões do sofrimento e desigualdades entre os seres humanos. Os fatos nos falam de maneira inequívoca:

” Por que uns nascem pobres?

Ora, todos sabemos que isto depende da condição social em que se encontra a família. Se as explicações são as faltas na vida pregressa da pessoa, sendo que em outra vida ela foi uma pessoa rica egoísta e usou mal seu dinheiro e por isso agora nasceu pobre para pagar este karma adquirido, então perguntamos: que explicação dar à vida de Cristo?

A vida de Cristo foi de inestimável importância para nós. Dogmaticamente para vós ela teve um sentido, racionalmente para nós teve um outro. Não queremos com isso afirmar que a vossa crença seja mais ou menos racional, ou mais ou menos correta que a nossa. Do vosso ponto de vista, pensar a vinda de Cristo como uma espécie de oferenda divina para redimir os nossos pecados, é correto e infalível. Do nosso, por outro lado, a vinda de Cristo deu-se indelevelmente para a propagação do amor, síntese de toda a moral cristã, presente no sermão da montanha, revista e

interpretada em *O Evangelho Segundo o Espiritismo*, enfim, constante nos corações daqueles que procuram o Mestre e, consecutivamente, a verdade.

Devemos dizer, ainda, que “nascer pobre”, segundo o Espiritismo, nem sempre é uma expiação, logo nem sempre um “castigo”. O caráter da reencarnação não é apenas expiatório, devemos dizer igualmente antes, podendo o espírito reencarnar para uma prova qualquer a fim de que progrida. Ou seja, “ser pobre” nem sempre é um “castigo”, recompensa por um “pecado” cometido em outras vidas. “Ser pobre” pode ser uma escolha desse espírito antes de reencarnar, com o objetivo de melhorar-se em uma determinada questão, terminar alguma tarefa não acabada, demonstrar e deixar para os seus entes mais próximos algum legado, etc. Sendo assim, prezado contraditor, existem inúmeras complexidades que a reencarnação reúne em seu entendimento mais ou menos correto, que, certamente, não se aprende quando se ler para contradizer. Reduzir, então, a reencarnação à expiação apenas, como se fosse a sua condição necessária única, carece de fundamento e é precipitado.

Decerto segundo esta doutrina, ele foi um dos maiores pecadores para nascer pobre e morrer na miséria como um criminoso! E as pessoas que se enriquecem da noite para o dia? Uma série de circunstâncias podem influenciar a vida financeira das pessoas, até mesmo as condições geográficas dos países. Não precisamos recorrer à reencarnação.

“Nascer pobre”, repito, nem sempre é uma expiação. Aliás só o é para aquela pessoa que tem um apego maior às coisas materiais do que as espirituais. É o vosso caso? Jesus viveu na condição de pobre porque o quis e assim poderia cumprir a sua missão enquanto esteve conosco. Apenas dessa forma e sob esta condição, talvez, ele seria melhor interpretado, ainda que não tenha sido e, infelizmente, não o seja até hoje. Para termo a ideia da gravidade deste problema (mal interpretação de Jesus) lanço mão de um dado de 2006, bem oportuno inclusive, para o seu conhecimento (se não souber, é claro!) e do caros leitores (que não souberem também, é claro!): existem, segundo o Atlas das Religiões, fruto de pesquisa de ponta, cerca de 33.800 interpretações cristãs diferentes, ou seja, 33.800 modos diferentes de ver o Cristo e interpretá-lo. Qual seria a correta? Ora, obviamente que nem todas podem está corretas, então seria a vossa?

No mais, a história nos diz, leia-se aqui a realidade, que Jesus morreu por conta da intransigência dos religiosos e demais autoridades de sua época. “Jesus ter morrido pra nos salvar” – uma das bases das maiores vertentes cristãs no mundo e amparada em passagens mutiladas dos evangelhos – é apenas um argumento teológico para assuntos religiosos. A história, por outro lado, conta “outra história” ou mesmo a real história da estória que foi e é passada pelas autoridades religiosas dos tempos. Enfim, essa questão dos motivos de o Mestre ter morrido já esteve em outras oportunidades esclarecida por outros amigos da causa espírita e não vamos no ater aqui neste momento, até pelo fato de o assunto do artigo diferir deste.

” Por que uns nascem doentes?

Este também tem sua explicação nos seguintes fatos: mães que não cuidam bem de sua gravidez tomando medicamentos sem controle médico. Como consequência os bebês que nasceriam saudáveis, nascem doentes. Relações sexuais entre pessoas que tem doenças venéreas produz cegueira nos filhos. Junte-se a isto as diferenças sanguíneas e outras. E os animais que nascem doentes? Eles também tiveram vidas passadas por nascerem desta maneira? Claro que não! A resposta para

o sofrimento é encontrada nesta vida sem precisar recorrer a vidas passadas.

Opositor meu caro, devemos considerar em conjunto ao que disseste que tudo o que há e acontece é por vontade Divina, então essas crianças só nascem e só são filhos destas pessoas pela vontade soberana de Deus. Considerando apenas esta existência, Deus assim permite que uma criança “inocente” nasça sob estas lamentáveis condições. Que explicação você dá a este fato? Por que Deus os coloca ali, podendo, logicamente, mediante a sua onipotência, o colocar sob outras condições? Lembremos, por favor, que “para Deus, não há acepção de pessoas” [Rm 2.11]. E, por gentileza, não recorrer ao tal do “mistério de Deus”, pois quem tem ocultado tudo ao longo dos tempos são os teólogos.

Sendo Deus justiça em supremo grau; sendo nós, tão ínfimos, tão ainda incapazes de compreender certas coisas; sendo nós, ainda assim, capazes de ter uma ideia de justiça mais ou menos ampla e mais acolhedora, o que poderíamos, ao menos, imaginar da parte de Deus? Pensar o contrário, estimado opositor, não me parece lógico e, pensando na evidente ludicidade da doutrina da pluralidade das existências, Kardec um dia argumentou com maestria:

Se não há reencarnação, só há, evidentemente, uma existência corporal. Se a nossa atual existência corpórea é única, a alma de cada homem foi criada por ocasião do seu nascimento, a menos que se admita a anterioridade da alma, caso em que se caberia perguntar o que era ela antes do nascimento e se o estado em que se achava não constituía uma existência sob forma qualquer. Não há meio termo: ou a alma existia, ou não existia antes do corpo. Se existia, qual a sua situação? Tinha, ou não, consciência de si mesma? Se não tinha, é quase como se não existisse. Se tinha individualidade, era progressiva, ou estacionária? Num e noutro caso, a que grau chegara ao tomar o corpo? Admitindo, de acordo com a crença vulgar, que a alma nasce com o corpo, ou, o que vem a ser o mesmo, que, antes de encarnar, só dispõe de faculdades negativas, perguntamos:

1º Por que mostra a alma aptidões tão diversas e independentes das ideias que a educação lhe fez adquirir?

2º Onde vem a aptidão extranormal que muitas crianças em tenra idade revelam, para esta ou aquela arte, para esta ou aquela ciência, enquanto outras se conservam inferiores ou medíocres durante a vida toda?

3º Onde, em uns, as ideias inatas ou intuitivas, que noutros não existem?

4º Onde, em certas crianças, o instituto precoce que revelam para os vícios ou para as virtudes, os sentimentos inatos de dignidade ou de baixaza, contrastando com o meio em que elas nasceram?

5º Por que, abstraindo-se da educação, uns homens são mais adiantados do que outros?

6º Por que há selvagens e homens civilizados? Se tomardes de um menino hotentote recém-nascido e o educardes nos nossos melhores liceus, fareis dele algum dia um Laplace ou um Newton?

Qual a filosofia ou a teosofia capaz de resolver estes problemas? É fora de dúvida que, ou as almas são iguais ao nascerem, ou são desiguais. Se são iguais, por que, entre elas, tão grande diversidade de aptidões? Dir-se-á que isso depende do organismo. Mas, então, achamo-nos em presença da mais monstruosa e imoral das doutrinas. O homem seria simples máquina, brinquedo da matéria; deixaria de ter a responsabilidade de seus atos, pois que poderia atribuir tudo às suas imperfeições físicas. Se almas são desiguais, é que Deus as

criou assim. Nesse caso, porém, por que a inata superioridade concedida a algumas? Corresponderá essa parcialidade à justiça de Deus e ao amor que Ele consagra igualmente a todas suas criaturas?

Admitamos, ao contrário, uma série de progressivas existências anteriores para cada alma e tudo se explica. Ao nascerem, trazem os homens a intuição do que aprenderam antes: São mais ou menos adiantados, conforme o número de existências que contem, conforme já estejam mais ou menos afastados do ponto de partida. Dá-se aí exatamente o que se observa numa reunião de indivíduos de todas as idades, onde cada um terá desenvolvimento proporcionado ao número de anos que tenha vivido. As existências sucessivas serão, para a vida da alma, o que os anos são para a do corpo. Reuni, em certo dia, um milheiro de indivíduos de um a oitenta anos; suponde que um véu encubra todos os dias precedentes ao em que os reunistes e que, em consequência, acreditais que todos nasceram na mesma ocasião. Perguntareis naturalmente como é que uns são grandes e outros pequenos, uns velhos e jovens outros, instruídos uns, outros ainda ignorantes. Se, porém, dissipando-se a nuvem que lhes oculta o passado, vierdes a saber que todos hão vivido mais ou menos tempo, tudo se vos tornará explicado. Deus, em Sua justiça, não pode ter criado almas desigualmente perfeitas. Com a pluralidade das existências, a desigualdade que notamos nada mais apresenta em oposição à mais rigorosa equidade: é que apenas vemos o presente e não o passado. A este raciocínio serve de base algum sistema, alguma suposição gratuita? Não. Partimos de um fato patente, incontestável: a desigualdade das aptidões e do desenvolvimento intelectual e moral e verificamos que nenhuma das teorias correntes o explica, ao passo que uma outra teoria lhe dá explicação simples, natural e lógica. Será racional preferir-se as que não explicam àquela que explica?

À vista da sexta interrogação acima, dirão naturalmente que o hotentote é de raça inferior. Perguntaremos, então, se o hotentote é ou não um homem. Se é, por que a ele e à sua raça privou Deus dos privilégios concedidos à raça caucásica? Se não é, por que tentar fazê-lo cristão? A Doutrina Espírita tem mais amplitude do que tudo isto. Segundo ela, não há muitas espécies de homens, há tão-somente cujos espíritos estão mais ou menos atrasados, porém, todos suscetíveis de progredir. Não é este princípio mais conforme à justiça de Deus?

Vimos de apreciar a alma com relação ao seu passado e ao seu presente. Se a considerarmos, tendo em vista o seu futuro, esbarraremos nas mesmas dificuldades.

1ª Se a nossa existência atual é que, só ela, decidirá da nossa sorte vindoura, quais, na vida futura, as posições respectivas do selvagem e do homem civilizado? Estarão no mesmo nível, ou se acharão distanciados um do outro, no tocante à soma de felicidade eterna que lhes caiba?

2ª O homem que trabalhou toda a sua vida por melhorar-se, virá a ocupar a mesma categoria de outro que se conservou em grau inferior de adiantamento, não por culpa sua, mas porque não teve tempo, nem possibilidade de se tornar melhor?

3ª O que praticou o mal, por não ter podido instruir-se, será culpado de um estado de coisas cuja existência em nada dependeu dele?

4ª Trabalha-se continuamente por esclarecer, moralizar, civilizar os homens. Mas, em contraposição a um que fica esclarecido, milhões de outros morrem todos os dias antes que a luz lhes tenha chegado. Qual a sorte destes últimos? Serão tratados como réprobos? No caso contrário, que fizeram para ocupar categoria idêntica à dos outros?

5ª Que sorte aguarda os que morrem na infância, quando ainda não puderam fazer nem o bem, nem o mal? Se vão para o meio dos eleitos, por que esse favor, sem que coisa alguma hajam feito para merecê-lo? Em virtude de que privilégio eles se veem isentos das

tribulações da vida?

Haverá alguma doutrina capaz de resolver esses problemas? Admitam-se as existências consecutivas e tudo se explicará conformemente à justiça de Deus. O que se não pôde fazer numa existência faz-se em outra. Assim é que ninguém escapa à lei do progresso, que cada um será recompensado segundo o seu merecimento *real* e que ninguém fica excluído da felicidade suprema, a que todos podem aspirar, quaisquer que sejam os obstáculos com que topem no caminho.

Essas questões facilmente se multiplicariam ao infinito, porquanto inúmeros são os problemas psicológicos e morais que só na pluralidade das existências encontram solução. (KARDEC, 2006, p. 187-191)

Sendo assim, prezado, se a vossa lógica lhe parecer mais exata que a nossa, quando todos que não creem vão para o suplício eterno, quando Deus tem seus eleitos, quando a única explicação possível para todos esses problemas por nós apresentados é o “mistério de Deus”, então, de fato, não há mais o que argumentar.

COMO TUDO COMEÇOU

A Bíblia nos diz que *nesta vida* o que o homem plantar ele colherá (cf. Gl. 6:7). Quando Deus colocou o homem no jardim do Éden, havia uma vida abundante para todos, sem sofrimentos, sem dor, desigualdades ou doenças. Mas o Homem veio rejeitar a vida que Deus lhe ofereceu e escolher viver sua própria vida. Aí então começou o que a Bíblia chama de pecado. O pecado diz o apóstolo Paulo, passou para toda a humanidade e como sentença contra o pecado veio a morte.

Em Gálatas, naturalmente, no capítulo e versículo citados aprendemos a lição de que o que plantarmos, colheremos. Todavia, como podemos ver, o “nesta vida” acima é fruto de uma inferência pessoal do articulista, não bíblica. Eu gostaria, para ficar bem clara a minha ideia, de relacionar abaixo algumas variantes bíblicas e, assim, tentar entender junto com o caro crítico e os demais leitores, que a ideia do autor bíblico não restringe o “colher o que plantamos” à esta existência apenas. Podemos dizer, sob a ótica espírita e racional, que colheremos o que plantarmos aqui e sempre, “nascendo, morrendo, renascendo ainda, progredindo sem cessar, pois tal é a lei.” Mas sem mais delongas, vamos aos fatos:

- Não vos iludais; de Deus não se zomba. O que o homem semear, isso colherá: Gálatas 6:7 (Bíblia de Jerusalém)
- Não erreis: Deus não se deixa escarnecer; porque tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Gálatas 6:7 (Almeida Corrigida e Revisada Fiel)
- Não vos enganeis; Deus não se deixa escarnecer; pois tudo o que o homem semear, isso também ceifará. Gálatas 6:7 (Almeida Revisada Imprensa Bíblica)
- Não se deixem enganar: de Deus não se zomba. Pois o que o homem semear, isso também colherá. Gálatas 6:7 (Nova Versão Internacional)
- Não vos enganeis; de Deus não se zomba. Pois aquilo que o homem semear, isso também ceifará: Gálatas 6:7 (Sociedade Bíblica Britânica)
- Não vos enganeis: de Deus não se zomba. O que o homem semeia, isso mesmo colherá. Gálatas 6:7 (Versão Católica)

Sendo assim, fica-nos claro que não há qualquer menção do autor bíblico ao sentido uniexistencial, ou seja, não há nem implícita nem explicitamente o sentido uniexistencial ou não-

reencarnacionista no texto; e também a nulidade da afirmação no presente artigo, a qual evidenciei em negrito e itálico acima.

Quanto ao que o amigo nos diz sobre o pecado ter se alastrado por toda humanidade, temos um problema, segundo o texto “[Castiga-se a culpa dos pais nos filhos, ou não?](#)” de Paulo Neto em parceria com Thiago Toscano, citam, pois “*Não se farão morrer os pais pelos filhos, nem os filhos pelos pais; cada qual morrerá pelo seu próprio pecado*”. Deuteronômio 24,16 (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares). Ou melhor, “*A alma que pecar, essa morrerá; o filho não levará a iniquidade do pai, nem o pai levará a iniquidade do filho, A justiça do justo ficará sobre ele, e a impiedade do ímpio cairá sobre ele*”. (texto pela versão da Bíblia Eletrônica 3.6.0 Rksoft Sothwares). Aliás, estes argumentos já estão tão batidos e rebatidos que eu, particularmente, não vejo mais tanta necessidade em aprofundá-los. No mais, porque temos o direito de resposta, sendo este inalienável – como sempre gostamos de frisar – o fazemos. Para finalizarmos esse ponto, eu gostaria que nos esclarecesse algo, estimado crítico: já que “o salário do pecado é a morte”, o que explica crianças recém-nascidas morrerem quando consideramos a existência destas única? Que pecado cometeram? Estariam elas tão a priori sentenciadas com a morte? Por quê? Estes são apenas alguns problemas quando levamos em consideração a questão da morte de maneira dogmática, não considerando que a morte ou desencarne é apenas o fechamento de um ciclo natural, uma Lei de Deus. Agora, se observarmos esta criança sob a perspectiva de que esta vida dela, ainda que num lapso, é apenas uma de milhares, lógica e racionalmente, as coisas ficariam bem melhor esclarecidas.

UM CONVITE

Mas a Bíblia nos diz que mesmo o homem rejeitando o amor de Deus, Ele enviou seu único filho para todo aquele que nele crer não pereça, mas tenha a vida eterna. Aos cansados e oprimidos Jesus diz, “Vinde a mim todos os que estais cansados e oprimidos e eu vos aliviarei” (Mt. 11:28-30). Aos que cometeram faltas ou pecados ele lhes oferece o perdão e o “sangue de Jesus nos purifica de todo o pecado” (I Jo. 1:7) porque Ele veio trazer “vida e vida com abundancia” (Jo. 10:10). **Milhares de pessoas que outrora eram cativas por filosofias religiosas como estas e continuavam presas pelo sofrimento esperando que mais algumas reencarnações fossem solucionar seus problemas obtiveram a solução e a paz tão almejadas através da pessoa do Filho de Deus – Jesus Cristo.**

Reiterando: ficaríamos gratos se o estimado crítico nos oferecer os caminhos para encontrarmos na codificação algum passo que nos oriente a ficarmos de braços cruzados esperando as subsequentes reencarnações para que estas solucionem nossos problemas numa passe de mágica. Espiritismo é sinônimo de trabalho e trabalho é uma lei de Deus. Ao contrário do que pensou e pensa a religião institucionalizada, hierarquizada e ritualizada ao longo dos tempos, onde o trabalho é fruto do castigo de Deus aos homens amparada na ideia dogmática do Pecado Original.

Conclusão

Como podemos ver, estimados leitores, estudamos mais um artigo crítico implausível do ponto de vista teórico e factual. Qual seria a intenção do autor na propagação de tamanhas inverdades amparadas, quero crer, na ignorância? Ademais, não seriam os homens de boa fé os que melhor se informam antes de emitirem juízo sobre coisa qualquer? Dirigindo-se a esses homens, Kardec foi categórico e, cada dia que passa, solidificamos dentro de nós ainda mais a certeza de que **“se a pobreza dos argumentos contra o Espiritismo é manifesta nas obras sérias, sua nulidade**

é absoluta nas diatribes e artigos difamatórios onde a raiva impotente se trai pela grosseria, pela injúria e pela calúnia.”

Túlio Luiz Santos P. Henriques

Março/2014

Referências Bibliográficas:

KARDEC, A. O Evangelho Segundo o Espiritismo, Rio de Janeiro: FEB, 1996.

KARDEC, A. O Livro dos Espíritos, São Paulo, SP: FEB, 2006.

Texto Sugerido:

[“Castiga-se a culpa dos pais nos filhos, ou não?”](#)